

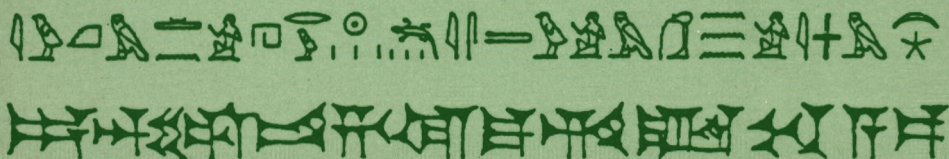
# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

3



E D I Ç Õ E S  
C O S M O S



# DILUVIO E DESTRUIÇÃO DA HUMANIDADE. ACTUALIDADE DE UM ANTIMITO \*

Por JOSÉ NUNES CARREIRA

*Professor da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

## **Zusammenfassung**

Seit 1872 steht die biblische Sintfluterzählung nicht mehr isoliert da. Aus dem Zweistromland kamen akkadische (*Giigamesch*, *Atramhasis*) und sumerische Parallele zu ihr. Das Nilland, wo die jährliche Flut keine Katastrophe sondern umgekehrt Segen und Wohlstand bedeutete, war kein geeigneter Nährboden für solche Antimythos. Da aber die Fluterzählung zum Urgeschehen gehört, zu den «myths of beginnings», konnte die ägyptische Hochkultur nicht auf die Antimythe verzichten. Im anderen geographischen Raum spielend, hat der Mythos von der *Vernichtung des Menschengeschlechts* dieselbe anthropologische Aussage wie die Sintflutgeschichte der Bibel und Keilschriftliteraturen: die Menschheit hat nicht die Selbstverständlichkeit des Vorhandenseins; sie ist vielmehr in ihrer Existenz problematisch. Sintflut und Vernichtung des Menschengeschlechts gehören in der ökologischen Krise. Die ausführliche Nennung der zu bewahrenden Tierarten (P), die Anspielung ans zu lösende Übervölkerungsproblem (*Atramhasis*), sowie die kultische Vergegenwärtigung des Geschehen in primitiven Kulturen lassen keinen Zweifel daran bestehen. Eco-92 in Rio de Janeiro war eine breitangelegte Sintflutliturgie zur Bewältigung der ökologischen Weltkrise.

(Página deixada propositadamente em branco)

Como já viram os antigos, a actualidade da História não se reduz à função pragmática e utilitária de manancial de ensinamentos — *historia magistra vitae*, da vida política e acção militar (Tucídides, Políbio), ou do comportamento moral do dia-a-dia (Salústio e Jacinto). A História na forma de disciplina crítica e científica — *historia vita memoriae* e *lux veritatis*, uma alternativa também percebida e praticada pelos clássicos (Heródoto e o seu contemporâneo Antíoco de Siracusa)<sup>(1)</sup> — tem igualmente actualidade.

Historia pré-clássica não foram só famosos e estrondosos embates guerreiros (Kadesh, Nínive, Karkemish e tantos outros), impérios construídos a partir do nada (Sargão e Ciro), mas sobretudo grandes realizações culturais expressas em religião, direito, literatura e arte, qual delas a mais actual. Vê-se pela religião egípcia que «os simples e grandes anseios da vida humana são, sem envelhecer, eternamente os mesmos»<sup>(2)</sup>. Tiram-se perspectivas modernamente ecológicas da *maat* egípcia<sup>(3)</sup> e da criação bíblica com o seu sábado<sup>(4)</sup>. Ainda mais eloquentes são os mitos, mais propriamente antimitos<sup>(5)</sup>, de destruição do mundo e da humanidade que desembocaram nas narrativas de dilúvio. Destes me passo a ocupar.

## I

Em Israel, a perspectiva tétrica da extinção da humanidade e regresso ao caos desembocou num relato de dilúvio que se tornaria clássico, impregnando a memória colectiva da civilização judeo-cristã. A estar correcta a ainda dominante exegese veterotestamentária, a epopeia de Noé resultou, a nível intrabíblico ou intra-israelita, de uma fusão bem sucedida de duas narrativas — a javeísta (J do nome divino empregado) e a sacerdotal (P de «Priesterkodex»).

Pelos meados do século IX a. C. corria em Israel uma versão escrita da história pátria a que o autor, o chamado Javeísta, dera prólogo grandioso — as origens da própria humanidade. E aqui dominavam dois grandes painéis: criação (Gn 2,4b-24) e, em última instância travada, destruição do homem (Gn 6-8). Qual realizador cinematográfico, o Javeísta corre a câmara pelo drama das origens: o homem infante avançando na história entre crimes e castigos, progressos civilizacionais de um lado e retrocessos morais do outro. Até o criador dizer «basta»:

«Javé viu que a malícia do homem era grande sobre a terra e que formava continuamente maus pensamentos em seu coração. E Javé arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra e afligiu-se no seu coração. E Javé disse: suprimirei os homens da superfície do solo... pois arrependo-me de os ter feito. Noé, entretanto, era objecto da benevolência de Javé.» (Gn 6,5-8) Segue-se a entrada na arca: «Javé disse a Noé: entra na arca, tu e a tua casa, pois encontrei-te justo no meio desta geração. De todos os animais puros tomarás sete (pares), macho e fêmea, e dos animais não-puros um par, macho e fêmea, para conservar a sua raça em toda a superfície da terra.» (Gn 7,1-3). Notem-se os sete pares de cada espécie de animais puros e salte-se a conhecida descrição da cheia. Se alguns pormenores (por exemplo, anún cio do dilúvio e ordem de construir a arca) não caíram na elaboração final, o Javeísta esmerou-se em contenção e tensão dramática: quarenta dias e quarenta noites de chuvas ininterruptas inundam a terra e exterminam toda a vida animal, salvando-se apenas o que embarcara com Noé.

Três ou quatro séculos mais tarde, o escritor sacerdotal não tinha nada de substancial a acrescentar, tão arreigada e estruturada estava a narrativa do dilúvio já desde a secular tradição oral. O drama é igualmente emoldurado por dois actos divinos determinantes: decisão de destruir a humanidade; salvação da humanidade por meio de um eleito. A contenção javeísta desagua, todavia, em explanação barroca — preparativos de salvamento, medidas da arca, cronologia de Noé e da cheia, sem obviamente esquecer o grande objectivo da empresa: «Mas contigo hei-de estabelecer a minha aliança e entrarás na arca — tu, e contigo teus filhos, tua esposa e as mulheres de teus filhos. E de tudo o mais que for vivo, de toda a carne, farás entrar na arca dois de cada espécie, para os conservar em vida contigo; devem ser macho e fêmea.» (Gn 6,18).

Nova em relação a J é a ampliação da catástrofe a dimensões insuspeitadas: cento e cinquenta dias de dilúvio, águas a engrossar e a subir, submersos os picos mais altos das montanhas; rasgam-se

fendas no firmamento e desabam sobre a terra as águas do oceano superior (7,10: *mabûiy*, irrompem do abismo subterrâneo (7,11; 8,2: *tehom*) as vagas caóticas não domadas nas origens. Está por um fio o regresso ao caos primordial, não fosse a «separação» das suas águas um dos pilares do mundo organizado (Gn 1,7). É o prelúdio do fim do mundo, não o fim das espécies vivas. E com razão. Pois, ao contrário da javeísta (Gn 2, 4 b 2 4 - ), a criação sacerdotal não se reduz ao homem. Arranca, sim, ao caos medonho, luz, terra e mares, firmamento com seus astros, plantas, animais e homem, em suma o cosmos com vida e inteligência. E a ominosa corrupção que clamava por castigo também não se restringia ao homem, desde o berço inclinado ao mal (6,5: J); a «terra (inteira) estava corrompida diante de Deus», com «todas as (suas) criaturas» 6,11-12 P). Que admira, se o dilúvio sacerdotal preludiva o regresso ao caos!

Pelas Escrituras Sagradas dos Judeus e por arreigada tradição oral, a história mantinha-se viva no tempo de Jesus (Mat 24,37-39; Lc 17,26-27). Correu mundo, excitando fantasias de crentes e talentos de artistas, das catacumbas de Roma (séc. II da nossa era) à sinagoga de Gerasa (séc. V da nossa era), ao ciclo de Saint-Savin (séc. XI-XII), aos capitéis românicos da catedral de Autun (séc. XII), às «logie» de Rafaello no Vaticano, à capela Sistina de Miguel Angelo<sup>(6)</sup>.

## II

Era a aventura de Noé espólio cultural pacífico da civilização ocidental. Até que, alinhando hipóteses e certezas frente à recém-descoberta escrita cuneiforme, os eruditos começaram a entender as florestas de pregos marcados na argila em combinações bizarras. Por 1857 tinha-se a chave do mistério assiro-babilónico encaixotado nas cerca de vinte e cinco mil tabuinhas do Museu Britânico. A embrionária Assiriologia contagiou até um jovem gravador de notas de banco, Georges Smith de seu nome. O rapaz, na flor dos 21 anos, passava as horas vagas mergulhado e esquecido nas galerias do museu e acabou por ser contratado como «reparador» de placas. Mas G. Smith não se limitou a «reparar». Procurava ler e decifrar, sem dar nas vistas do mundo erudito. Em Dezembro de 1872 caiu a bomba em cima do grande público: numa conferência perante a *Society of Biblical Archaeology* o assiriólogo amador anunciava a descoberta de uma versão do dilúvio escrita em cuneiforme, ou, como ele próprio intitulava, «The Caldean Account of the Deluge». Foi grande a emoção. O areópago

dos sábios votou uma moção em que se pedia a retomada das escavações de Nínive. Juntou-se o *Daily Telegraph* com um crédito avultado para que o bem sucedido conferencista pudesse dirigir a expedição. Aí vai G. Smith de malas aviadas para Mossul. E logo em Maio do ano seguinte desenterra em Nínive a primeira coluna que faltava — um golpe de sorte digno do seu antecessor H. C. Layard, que em 1849-1850, descobrindo e saqueando palácios a eito na velha capital assíria, dera com a famosa biblioteca de Assurbanípal (669-627 a. C.). As placas identificadas em Londres provinham daí e constituíam um simples episódio (canto XI) da «Epopéia de Gilgamesh». Viu-se que, por 1200-1000 antes da era cristã, corria entre Babilónios e Assírios uma versão do dilúvio com pequeno exórdio:

«Gilgamesh diz-lhe, a Utnapishtim, o Longínquo:  
'Quando te contemplo, Utnapishtim,  
tuas dimensões não são diferentes; és semelhante a mim.  
Por instinto, estás pronto a bater-te,  
mas meu braço hoje está sem força contra ti.  
Diz-me como vieste a achar-te no conselho dos deuses  
e como alcançaste a Vida (eterna).'  
Utnapishtim diz-lhe, a Gilgamesh:  
'Vou-te revelar, Gilgamesh, uma coisa secreta  
e, a ti, dizer-te um mistério dos deuses:  
Shurupak — a cidade que bem conheces  
e que se situa nas margens do Eufrates —  
esta cidade os deuses outrora a habitaram,  
os grandes deuses um dia decidiram fazer o dilúvio.  
Sobre isso deliberaram seu pai Anu,  
o herói Enlil, seu conselheiro,  
Ninurta, seu assistente,  
Enmugi, seu inspector dos canais,  
Nin-igi-ku (Ea) tomou assento com eles;  
suas palavras repete para a cabana de junco:  
'Sebe, sebe! Tabique, tabique!  
Escuta, sebe! Tabique, presta atenção!  
Homem de Shurupak, filho de Ubar-Tutu,  
demole a tua casa, constrói um barco,  
renuncia aos bens, procura (só) a vida!  
Mete a bordo todas as espécies vivas.  
Do vaso que construirás  
as dimensões sejam medidas;  
seu comprimento e sua largura sejam iguais.  
Cobre-o de um tecto como o *apsu!*'

Compreendi e disse a Ea, meu senhor:  
'À ordem, meu senhor, que tu me deste,  
obedecerei e, por mim, a cumprirei.  
Mas que hei-de eu responder à cidade, ao povo e aos anciãos?'  
Ea, abrindo a boca, fala  
e a mim, seu servo, diz:  
'Homem, eis o que a eles irás dizer:  
(Parece que) contra mim Enlil está com ódio:  
não ficarei, assim, na vossa cidade.  
Não podendo mais pisar solo de Enlil,  
ao Abismo vou descer, a morar com Ea, meu senhor.  
Sobre vós Enlil fará chover a opulência,  
aves das melhores, peixes dos mais raros;  
dar-vos-á as messes mais ricas.  
Fará chover bolos (*kukku*) pela manhã,  
à tarde, boas chuvadas de trigo.»

Ao relato de construção segue o da cheia:

«Surgindo a primeira claridade da aurora,  
eis que do horizonte se eleva uma nuvem negra,  
dentro dela Adad ribomba sem cessar;  
Sullat e Hanish<sup>(7)</sup> marcham à frente,  
rompendo como arautos sobre montes e planuras.  
Nergal derruba as colunas (dos diques celestes);  
avança Ninurta e faz ruir as barragens (do céu).  
Os Anunnaki brandem tochas,  
com sua claridade a terra abrasam.  
Silêncio ominoso de Adad percorre o céu  
e torna em trevas quanto era luz.  
Quebram-se<sup>(8)</sup> as fundações da terra como um pote,  
ruge a tormenta um dia inteiro,  
sopra em fúria e empurra a inundação  
que, tal escaramuça, arrasta os homens.  
Ninguém vê seu companheiro,  
nem do céu se enxerga o povo.  
Aterram-se os deuses com este dilúvio,  
afastam-se e sobem até ao céu de Anu;  
os deuses, acorados como cães,  
ficam sentados de fora (do mundo)<sup>(9)</sup>.  
Grita Ishtar como se estivesse em parto,  
geme a Dama dos deuses, de voz maviosa:  
'Possa em argila ser mudado este funesto dia<sup>(10)</sup>,  
porque eu, eu disse mal na assembleia dos deuses!



Como pude dizer este mal na assembleia dos deuses,  
dizer sim a este combate destruidor de criaturas que eram minhas,  
eu (que podia ter dito): 'darei à luz estas minhas criaturas  
e, como peixinhos, elas encherão o mar!'  
Os deuses, os Anunnaki, choram com ela,  
os deuses, prostrados, estão lacrimosos,  
lábios cerrados, em grupos, se lamentam.  
Seis dias e sete noites<sup>(11)</sup>  
sopra o vento diluviano, a tormenta varre a terra.  
Sétimo dia chegado,  
entra a tormenta de novo em liça, (e este) combate  
batendo em torno como mulher em parto<sup>(12)</sup>.  
Aquietou-se O mar, serenou o vento mau, cessou O dilúvio.  
Abri um postigo e o ar vivo caiu-me pelo nariz dentro.  
Observei o tempo: reinava o silêncio;  
toda a humanidade tinha voltado ao barro;  
como um tecto, a planície húmida estendia-se uniforme.  
Ajoelhei-me e, imóvel, choro;  
ao longo do nariz correm-me as lágrimas.  
Busquei com O olhar as margens nos confins do mar;  
a doze vezes doze canas duplas emergia uma nesga de terra.  
A este monte Nisir acostou o barco.  
O monte Nisir reteve o barco e não o deixou bugir.  
Um quinto e um sexto (dias),  
o monte Nisir reteve o barco e não o deixou bugir.  
Ao chegar o dia sétimo,  
soltei uma pomba e larguei-a.  
A pomba partiu e (depois) voltou;  
não vendo lugar de pouso, tinha dado meia volta.  
Soltei uma andorinha e deixei-a livre.  
A andorinha partiu e (depois) voltou;  
Não vendo lugar de pouso, tinha dado meia volta.  
Soltei um corvo e deixei-o livre.  
O corvo partiu e, vendo as águas descidas,  
come, volita, crocita e não dá meia volta.  
Soltei na direcção dos quatros pontos cardeais  
e fiz um sacrifício (aos deuses).  
Pus uma oferenda sobre o cume da montanha  
(e) -dispus sete e sete vasos rituais,  
em cuja base verti acora, cedro e murta.  
Os deuses sentiram O odor,  
os deuses sentiram o odor agradável;  
os deuses, como moscas, apinharam-se à volta do sacrificador.»<sup>(13)</sup>

Afinal, a história do dilúvio era quase um milénio mais velha que a derradeira versão israelita. Mas não tinha origem na Assíria nem no seu Império Médio. Nem sequer assentava bem na epopeia — o seu lugar é num mito de origens. E, na verdade, já nos fins da dinastia paleobabilónica (no «ano em que O rei Ammi-saduqa reconstruiu Dur-Amisaduqa na embocadura do Eufrates», 1635 a. C., na cronologia média), pelo menos, corria uma versão acádica do dilúvio. Transmite-a a epopeia mitológica «Atra(m)hasis» (para os contemporâneos *Enuma Hum awelum*, «Quando os deuses ainda eram homens»). A grande cheia fora a última tentativa de destruição da humanidade pelos deuses, incomodados com o barulho dos humanos que não deixavam dormir Enlil.

A uma cadência de mil e duzentos anos<sup>(14)</sup> após a criação do homem, contava o mito, vieram a peste, a seca, a fome (?) e o dilúvio finalmente:

«Mudou o aspecto do tempo.  
 Adad rugiu nas nuvens.  
 Quando se ouviu a voz do deus,  
 betume foi trazido, para com ele fechar a porta.  
 Depois de fechar a porta,  
 Adad continuava a rugir nas nuvens.  
 Os ventos, erguendo-se, embraveceram:  
 cortou a amarra e soltou o barco...  
 O dilúvio desencadeou-se...  
 Sua violência, como um combate, passou sobre os homens:  
 um não podia ver o outro:  
 já se não podiam reconhecer nesta destruição.  
 O dilúvio mugia como um touro.  
 Tal água gemente uivava o vento:  
 as trevas eram espessas; desaparecera o sol.»<sup>(15)</sup>

E não era versão única no seu tempo. Desde 1914 conhecia-se a suméria, que não deve ser muito anterior<sup>(16)</sup> à acádica do Atra(m)hasis:

Após preparativos e lacunas de maior ou menor extensão, eis-nos perante o dilúvio:

«Todos os vendavais, com extrema violência, atacaram como um só,  
 ao mesmo tempo, o dilúvio assolou os centros de culto.  
 Em seguida, por sete dias (e) sete noites,  
 o dilúvio assolou o país  
 (e) o enorme barco foi sacudido pelos vendavais sobre as grandes águas.

Utu apareceu, ele que derrama luz sobre céu e terra.  
Ziuzudra abriu uma fresta do enorme barco,  
o herói Utu lançou seus raios no interior da nau gigantesca.  
Ziuzudra, o rei,  
prostrou-se perante Utu,  
o rei mata um boi, degola um carneiro.

(Cerca de 39 linhas destruídas)

Proferirás um 'fôlego celeste', um 'fôlego terreno', em verdade,  
[ele se estenderá sobre vosso/a...  
Anu e Enlil proferiram um 'fôlego celeste', um 'fôlego terreno' sobre  
[seu... se estendeu.

Vegetação, brotando da terra, cresce.

Ziuzudra, o rei,  
o preservador do nome da vegetação e da semente da humanidade,  
no país da passagem, na terra de Dilmun, o lugar  
onde nasce o sol, o fizeram morar.»<sup>(17)</sup>

O Egípcio, dom do Nilo e das suas cheias benéficas, era terreno impróprio para antimitos de dilúvio. Mas como o instinto da conservação do mundo e, ainda mais, da humanidade pertencem aos tais «simples e grandes anseios da vida humana (que) são, sem envelhecer, eternamente os mesmos», tinha de aparecer de outra forma. Em roupagem egípcia, o antimito da «Destruição da humanidade»<sup>(18)</sup> rezava assim:

«Aconteceu no tempo da majestade de Ré, o auto-criado, depois de ele se ter tornado rei dos homens e dos deuses. A humanidade revoltou-se contra ele, enquanto Sua Majestade tinha envelhecido, sendo seus ossos prata, sua carne ouro, seu cabelo lápis-lazúli verdadeiro. Quando Sua Majestade notou a revolta da humanidade contra ele, disse aos seus seguidores: 'Congregai-me meu Olho, e Shu, Tefnut, Geb, Nut e, os pais e mães que eram comigo quando eu estava no Nun, e também o deus Nun. E este há-de trazer seus cortesãos consigo. Mas trouxe-os pela calada, para que a humanidade não veja, para que não perca a coragem. Vinde com eles até ao Palácio, e eles darão seu conselho. Por fim, posso voltar ao Nun, ao lugar onde estava antes de vir à existência'».<sup>(19)</sup>

O tema é a renúncia de Ré ao governo do mundo, retirando-se para o céu. O deus solar está velho e gasto (e com ele o mundo criado); os homens aproveitam essa debilidade para se revoltarem, mas por pouco não acabam de vez. Valeu-lhes a compaixão de Ré, que embriagou a executora do castigo para poupar a humanidade:

«Bebeu (Hathor) e isso alegrou seu coração. Voltou embriagada, sem ter dado conta da humanidade. A majestade de Ré disse para

a deusa: 'Bem-vinda em paz, ó graciosa!' Então vieram à existência belas mulheres na cidade de Imu.»<sup>(20)</sup>

Podia continuar a humanidade e a história com o resto escapado à destruição. Só que governar os homens, mesmo reduzidos a um resto, excedia as forças do velho deus: «Pela minha vida, o meu coração está demasiado cansado para ficar com eles por mais tempo. Tivesse-os eu aniquilado até ao último resto, nem por isso seria mais curto o alcance do meu braço.» E, a conselho dos deuses, retira-se para as alturas no dorso da vaca do céu, deixando em seu lugar e representação o deus Thot (Lua).<sup>(21)</sup>

### III

Actuais estas histórias ingénuas, a que mais de um moderno abanará a cabeça com um sorriso de mofa? Muito mais do que nos tempos arcaicos em que se formaram e correram. Cada vez é mais urgente garantir a ordem do mundo (função dos mitos de criação) e prevenir o regresso ao caos, a que tendia o antimito da destruição, dilúvio na expressão mais clássica. Criação e dilúvio não são primariamente documentos religiosos; cabem no domínio largo da antropologia. Não pertencem ao espólio cultural de um povo ou outro; são património da humanidade, presentes nas mais variadas épocas da história, em todos os quatro pontos cardeais do orbe<sup>(22)</sup>. Espanta é que já há mais de três mil e quinhentos anos se tenha posto o problema ecológico.

O dilúvio do Atramhasis, como as pragas anteriores, propunha-se qual solução drástica para o excesso demográfico de Babilónia, o «ruído» que não deixava dormir Enlil. O pequeno Israel do exílio e pós-exílio tinha antes um défice demográfico e sentiu necessidade de encerrar o dilúvio repetindo o «sede fecundos e multiplicai-vos» da bênção criacional. Mas quem não verá a dimensão ecológica do embarque das várias espécies zoológicas? O escritor sacerdotal estadeia a enumeração: «E de tudo o mais que for vivo, de toda a carne, farás entrar na arca dois de cada espécie, para os conservar em vida contigo; devem ser macho e fêmea. De aves de toda a espécie, de gado de toda a espécie e de toda a sorte de répteis do solo, — um par irá para dentro contigo para permanecer vivo» (Gn 6,19-20). Fiel à tradição do sacrifício pós-diluviano (impensável em P, que apresentou todas as normas culturais de Israel como instituídas no Sinai), o Javeísta fez embarcar com Noé sete pares de cada espécie de animais

puros e de aves do céu... não fosse a raça acabar com a imolação sacrificial, na nova aurora do mundo. Enfática é a motivação, que hoje teremos de apelidar ecológica: «para conservar a sua raça em toda a superfície da terra» (Gn 7,3 J), «para os conservar em vida contigo» (Gn 6,19 P). Enfática a garantia de permanência da terra, não obstante a malícia inalterável do homem:

«Enquanto durar a terra,  
sementeiras e messe,  
frio e calor,  
verão e inverno,  
dia e noite  
não cessarão jamais» (Gn 8,20-22).

Não há notícia de que o dilúvio se tenha cèlebrado ritualmente em Babilónia (ao contrário da criação, *hieros logos* da grande festa do Ano Novo) ou em Israel. Mas Luciano conta que em Hierápolis do Eufrates a grande inundação tinha conteúdo ritual. O texto de Luciano<sup>(23)</sup>, com outros provenientes da China e de índios da América do Norte, mostra que o dilúvio, como acontecimento das origens, tem relevância para a existência actual da humanidade. Celebra-se o antimito para garantir a conservação da espécie. E com isso caem todas as interpretações historicizantes. Pode ser que as narrativas de dilúvio evoquem uma ou outra catástrofe natural. Mas o que se conta é mais que isso: é acontecimento primordial, como tal único e com significado existencial para o presente.<sup>(24)</sup>

Mesmo sem a evolução literária e mental das narrativas bíblicas<sup>(25)</sup> e mesopotâmicas<sup>(26)</sup>, o dilúvio é um grande programa ecológico. O dado fundamental é que a humanidade possa acabar, que o deus/Deus que criou o homem também o possa aniquilar. «Nisso é o dilúvio acontecimento primordial e aí está a sua ligação à criação: a criação do homem deixa aberta a possibilidade da sua aniquilação. Este sentido vem da complementaridade de criação e dilúvio dentro do acontecimento primordial. Trata-se do todo na catástrofe do dilúvio, como se trata do todo na criação. É uma especificidade de ser-homem, algo que distingue o homem do animal, o poder conceber tal possibilidade de destruição total.»<sup>(27)</sup> Aí está o sentido — genericamente antropológico e especificamente ecológico — fundamental do dilúvio: salvação da humanidade e do mundo zoológico que a envolve (em P do próprio universo cósmico), quando parecia ameaçada a sua continuação.

Para esconjurar o desastre ecológico global, o *homo sapiens* dos fins do século XX esqueceu por momentos as suas capacidades de *homo faber* e montou a mais impressionante liturgia de dilúvio de todos os tempos — a Eco 92: o planeta em peso nos seus mais altos representantes e abrindo o cenário empolgante do Rio a milhões de espectadores, foi recitando dias a fio narrativas de fim do mundo. Será ainda preciso demonstrar a actualidade do antimito?

## Notas

\* Lição inaugural dos cursos de Historia, na abertura do ano lectivo de 1991-1992 na Faculdade de Letras de Lisboa.

(1) Cf. H. STRASBURGER, *Die Wesensbestimmung der Geschichte durch die antike Geschichtsschreibung*, Wiesbaden 1975, pp. 52-53 (14-15).

(2) S. MORENZ, *Ägyptische Religion*, 2.<sup>a</sup> ed., Stuttgart 1977, p. IX.

(3) E. HORNING, «Maat — Gerechtigkeit für alle?», em *Eranos* 56 (1987) 403-404.

(4) G. LIEDKE, «Geschaffen in sieben Tagen. Gen 1 — gehört in der ökologischen Krise?», em R. ALBERTZ *et alii*, *Schöpfung und Befreiung*, FS C. Westermann, Stuttgart 1989, pp. 13-24.

(5) Tomo a noção de H.-R MÜLLER, «Das Motiv für die Sintflut», *ZAW* 97 (1985) 295, n. 1, que por sua vez se reporta a A. JOLLES, *Einfache Formen*, 4.<sup>a</sup> ed., 1968, p. 124: «So wie der Legende eine Antilegende zur Seite steht, so finden wir neben der Mythe, die baut, eine Mythe, die vernichtet.»

(6) Sobre a arca de Noé na arte cf. A. PARROT, *Bible et Archéologie. Déluge et Arche de Noé / La Tour de Babel* (CAB 1-2), Neuchâtel 1970, pp. 51-52.

(7) Hipóstases de Shamash.

(8) ANET: «tremem».

(9) ANET: «agacham-se contra o muro exterior».

(10) ANET: «os dias de antanho transformaram-se em argila.»

(11) ANET: «seis noites».

(12) ANET: «que combatera como um exército».

(13) Da versão francesa de R. LABAT *et alii*, *Les religions du Proche-Orient asiatique. Textes et traditions sacrées babyloniens-ougaritiques-hittites*, Paris 1970, pp. 212-216. Há versão inglesa de E.A. Speiser em J. B. PRITCHARD (ed.), *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3.<sup>a</sup> ed., Princeton 1969, pp. 72-93 e portuguesa de P. Tamen, a partir da inglesa de N. K. SANDARS: *A Epopeia de Gilgamesh*, Vega, Lisboa 1989.

(14) Esta cifra só está preservada numa das ocorrências, II,i; se a paciência dos deuses se foi esgotando, pode-se admitir que as pragas se sucederam a um ritmo de 2400, 1200, 600 e 300 anos ou 1800, 1200, 900 e 600 anos, perfazendo em ambos os casos 4500 anos; cf. W. VON SODEN «Die erste Tafel des altbabylonischen Atramhasis-Mythus. 'Haupttext' und Parallelversionen», *ZA* 68 (1978) 71 n.6, 83.

(15) Da versão francesa de R. LABAT *et alii*, pp. 35-36.

(16) Fragmentos de Nippur e Ur datados são de c. 1600 a. C.; cf. H.-P. MÜLLER, o. c., p. 303, n. 36.

(17) Da versão inglesa de S.N. Kramer, em J. B. PRITCHARD (ed.) o. c., p. 44; cf. S. N. KRAMER, *A história começa na Suméria*, trad., Lisboa 1963, pp. 177-182.

(18) Atestado na «Instrução para o Rei Merikaré», do Primeiro Intermediário (c. 2100 a. C.): na versão de M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings*, I: The Old and Middle Kingdoms, Berkeley/Los Angeles/London 1975, p. 106: «He (the god) slew his foes, reduced his children/ when they thought of making rebellion.» O mito completo chegou-nos num papiro do Império Novo.

(19) M. LICHTHEIM, o. c., II: The New Kingdom, Berkeley/Los Angeles/London 1976, p. 198.

(20) *Ibid.*, p. 199.

(21) Cf. H. BRUNNER, *Grundzüge einer Geschichte der altägyptischen Literatur*, 2.<sup>a</sup> ed., Darmstadt 1978, pp. 86-87.

(22) Cf. T.H. GASTER, *Mito, leyenda y costumbre en el Libro del Génesis*. Estudio con interpolación de textos de James Frazer, trad., Barcelona 1973, pp. 117, 153.

(23) *De dea syria*, 12 ss; em T.H. GASTER, o. c. p. 117.

(24) Cf. C. yVESTERMANN, *Genesis 1-11* (BK), Neukirchen-Vluyn 1974, pp. 67-69.

(25) Para o sentido ecológico de Gn 6-8 cf. H.-P. GENSICHTEN, «Die Sintfluterzahlung als Leittext in der Umweltkrise», *Ev Th* 45 (1985) 211-224.

(26) Para o Atra(m)hasis cf. A. D. KILMER, «The Mesopotamian Concept of Overpopulation and its Solution as Reflected in Mythology», *Or* 41 (1972) 160-177; W. L. MORAN, «Atrahasis: The Babylonian Story of the Flood», *Bib* 52 (1971) 51-61; R. ALBERTZ, «Die Kulturarbeit im Atramhasis-Epos im Vergleich zur biblischen Urgeschichte», em *Werden und Wirken des Alten Testaments* (FS C. Westermann), Göttingen/Neukirchen-Vluyn 1980, pp. 38-57.

(27) C. WESTERMANN, o. c., pp. 72-73.